



A participação dos leitores na construção de experiências temporais no jornalismo *online*¹

Carlos Eduardo Franciscato²
Universidade Federal de Sergipe

Resumo

Este *paper* investiga de que modo as formas mais recentes de atividade jornalística na Internet (como os *blogs* jornalísticos ou *sites* com jornalismo participativo) podem influir sobre uma característica central do jornalismo, qual seja a experiência do tempo presente que ele opera na sociedade. Em pouco mais de uma década de existência, a Internet tem modificado relações temporais, particularmente aquelas que se referem ao jornalismo. Com o crescimento na participação dos leitores/usuários, seja na construção da arquitetura ou dos conteúdos da rede, seja na orientação desta arquitetura ou conteúdo aos interesses destes, entendemos haver um reforço na construção de uma temporalidade do presente marcada pelas práticas enunciativas tanto dos produtores de informação quanto dos próprios leitores.

Palavras-chave

Jornalismo *online*; Internet; *weblog*; jornalismo participativo

Introdução

Lorenzo Gomis, em seu livro *Teoría del Periodismo* (1991), define a atualidade jornalística como uma relação objetiva dos fatos com a ação social dos consumidores desta informação. Ou seja, os fatos jornalísticos são atuais na medida em que contribuem para o desenvolvimento da consciência dos leitores e os capacitam a agir (1991, 28-9).

Há, neste argumento, um deslocamento de ênfase na compreensão do papel do jornalismo na construção da experiência do tempo presente. Em vez de trabalhar sob a perspectiva de uma sociologia das notícias ou dos emissores (Schlesinger, 1987; Traquina, 2005; Wolf, 1994), Gomis prioriza o papel dos leitores e a recepção do conteúdo jornalístico. O autor usa a expressão 'tempo dos leitores' (1991, 29) para afirmar que a atualidade de um produto jornalístico depende também dos procedimentos dos leitores ao repercutirem o conteúdo das notícias ou conversações.

Repercutir, neste caso, é uma dimensão tanto interpessoal quanto midiática da circulação pública das notícias, uma forma de perceber o tempo de permanência de um conteúdo atendendo a um diferenciado conjunto de anseios do público, alguns deles

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP de Jornalismo.

² Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe. Mestre e Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Jornalista. E-mail: carlosfr@infonet.com.br.



captados por jornalistas e sistematizados em critérios de noticiabilidade (conteúdos inesperados, curiosos, surpreendentes, inéditos, importantes etc). É nesta linha que o autor define notícia como “...a expressão jornalística de um fato capaz de interessar até o ponto de gerar comentários”³ (...) capaz de gerar repercussões” (1991, 49). Em outras palavras, “...é mais notícia o fato que terá mais repercussões” (1991, 97). Em consequência, o 'presente social' seria “...a sedimentação destas informações na consciência dos leitores e ouvintes” (1991, 23).

Esta perspectiva de Gomis de pensar o aspecto temporal do jornalismo por meio da experiência dos leitores será o caminho utilizado por este artigo para compreender o jornalismo nas sociedades contemporâneas. Iremos localizar o jornalismo dentro de um processo social amplo de estruturação das redes informacionais e sua capacidade de alterar relações espaciais e temporais tradicionais. Esta reestruturação social para a forma de fluxos de informação em rede torna tecnológica e socialmente possível falar-se em 'tempo real', um fenômeno com suas formas e tensões próprias.

O jornalismo que opera em uma dimensão de tempo real rompe práticas das mídias tradicionais (impressas e eletrônicas) tanto na produção quanto na circulação do seu produto. O tempo presente, construção social que fundamenta o jornalismo, torna-se balizado por novas estruturas e práticas. Se as mídias tradicionais têm sido atores privilegiados para a constituição de uma temporalidade social, as redes de comunicação, com aparatos tecnológicos e interacionais, vêm gerando mudanças de padrões, procedimentos e concepções existentes até as últimas décadas.

O objetivo deste artigo é refletir sobre as transformações na experiência do tempo que o jornalismo opera na sociedade a partir da experiência da Internet como ambiente comunicacional e, mais precisamente, sobre as mudanças que a *world wide web* vem alcançando com o crescimento na participação dos usuários, seja na construção da arquitetura ou dos conteúdos da rede, seja na orientação desta arquitetura ou conteúdo aos interesses destes usuários. “É uma lição comprovada da história da tecnologia que os usuários são os principais produtores de tecnologia, adaptando-a a seus usos e valores e acabando por transformá-la” (Castells, 2003: 28).

Para isso, optamos por colocar a temporalidade jornalística como objeto condutor desta análise. Entendemos que a vivência social do fenômeno temporal vem sendo centralmente afetada desde a metade da década de 90 do século passado. Em

³ As traduções de textos em língua estrangeira foram feitas pelo autor deste *paper*.



pouco mais de uma década de existência, a Internet tem modificado relações temporais na sociedade, particularmente aquelas que se referem ao jornalismo.

A temporalidade jornalística possui pelo menos três pólos: um está no objeto noticiado, cujo movimento orienta os procedimentos da atividade jornalística; um segundo pólo é o da própria instituição, que possui seus movimentos próprios, suas regras, princípios, exigências e possibilidades; o terceiro é o tempo do leitor, relacionado às formas individuais e coletivas de experiência do tempo, as quais são construídas também pela intervenção da instituição jornalística. O fenômeno temporal no jornalismo – que iremos igualmente denominar de atualidade jornalística - pode ser inicialmente compreendido, então, como uma relação temporal entre estes três pólos, sabendo-se que esta relação é composta por procedimentos e recursos materiais e simbólicos que ganham objetividade social.

Com as novas formas de interatividade das redes digitais de comunicação (Deuze, 2003), devemos observar um deslocamento da temporalidade do produtor de conteúdos para a temporalidade do usuário. Mesmo introduzindo novas experiências temporais, como a atualização contínua, a Internet radicaliza uma transformação tecnológica e social, em que o leitor/usuário assume cada vez mais o centro da construção das relações sociais e de sentido, incluindo as relações temporais múltiplas. Mais do que reforçar o crescimento de sua autonomia da navegação, as potencialidades recentes do ambiente tornam mais sensato considerar uma “arquitetura de participação” e uma “ética de cooperação” do usuário embutidas nos novos serviços da Internet (O’Reilly, 2005).

1) Jornalismo, fluxos de informação e múltiplas temporalidades

Na história do jornalismo e das sociedades, é possível localizar situações reveladoras de que a temporalidade do presente é um aspecto essencial da atividade jornalística. Na emergência do jornalismo nas sociedades ocidentais nos séculos XVII e XVIII, percebemos que o fator temporal foi um componente decisivo para a constatação de que uma nova prática social, ligada à produção de relatos sobre fatos cotidianos, era socialmente necessária. No século XIX, a temporalidade orientou a institucionalização do jornalismo tanto na organização interna de suas práticas e definição de seu produto quanto nas relações sociais amplas que o jornalismo produziu (Franciscato, 2005).

Alguns marcadores de periodicidade nas mídias tradicionais (jornal impresso, rádio e televisão) geraram uma institucionalização tão significativa de um sentido



temporal (o jornal diário matutino criando a impressão de nos relatar o 'ontem' ou os telejornais da noite com a intenção de apresentar um 'resumo das notícias do dia') que conseguiram representar simbolicamente, por meio da aplicação de técnicas de apuração e construção discursiva, uma unidade temporal em seu conteúdo e, em conseqüência, dar indicadores mais concretos para que o público sentisse estar em contato com eventos do tempo presente.

A digitalização crescente de dados e produtos simbólicos e a interligação da sociedade em redes de comunicação nas últimas décadas do século XX vêm marcando um novo modelo informacional de estrutura e organização social, produzindo alterações drásticas na experiência social do tempo. Neste novo modo informacional de desenvolvimento, segundo Castells (2001: 35), a fonte de produtividade acha-se na tecnologia de geração de conhecimentos, de processamento da informação e de comunicação de símbolos. A produção jornalística utilizando a rede como suporte, ambiente ou plataforma (O'Reilly, 2005) tem criado novas possibilidades para se compreender a experiência social do tempo executada pelo jornalismo.

A aceleração da velocidade de produção e distribuição do produto jornalístico, a estruturação de redes eletrônicas e digitais e a disseminação de novos suportes jornalísticos vêm apresentando elementos que desafiam um sentido de periodicidade como emissão e atualização de conteúdo em intervalos regulares relativamente amplos (o dia, por exemplo). A valorização do instante presente inscrito no som e na imagem de eventos na transmissão ao vivo e a introdução de um tipo de produção de notícias em fluxo contínuo (uma alimentação de notícias em curtíssimos intervalos de tempo) vêm gerando uma nova temporalidade no jornalismo.

Esta justaposição indicaria haver um estado de tensão entre a periodicidade tradicional e a instantaneidade do fluxo contínuo, pois são modos diferenciados de conceber o fator temporal na constituição do evento jornalístico, de definir e dar forma à notícia, de alimentar rotinas e relações de produção e de estabelecer e perceber as mútuas influências entre a atividade jornalística e a sociedade. O panorama atual do jornalismo não está indicando, no entanto, a possibilidade de, a curto prazo, haver um esgotamento da periodização em algumas mídias, como a impressa e a televisiva. Fatores como a preservação da estrutura e rotina de produção em mídias tradicionais, adequados a uma habitualidade de 'leitura' pelo público de produtos específicos, tornam plausível sugerir uma tendência à co-habitação de múltiplas temporalidades no

jornalismo, sejam em caráter complementar ou concorrencial, mas não necessariamente substitutivo.

Fidalgo (2004) considera que a periodicidade se aplica ao jornalismo *online*, pois um jornal ou uma revista na *web* preserva um ritmo de atualização do conteúdo conforme a sua capacidade de produção, o tipo de produto jornalístico e o seu público. Na *web*, o leitor desenvolve hábitos adequados ao suporte digital, particularmente ao armazenamento, indexação e disponibilização *online* da informação, o que não é possível nos demais meios.

Palacios (2003) denomina esta característica do jornalismo *online* de “memória múltipla, instantânea e cumulativa”, em que o conteúdo armazenado pode ser recuperado tanto pelo produtor quanto pelo usuário da informação. Com as plataformas P2P (*peer to peer* – usuário a usuário), os leitores/clientes de um *site* têm acesso a ferramentas de alimentação do servidor, gerando uma “dupla via de alimentação” por produtores e usuários. O autor levanta questões sobre os efeitos destes procedimentos de alimentação do sistema pelo usuário para a qualidade e a credibilidade do conteúdo jornalístico: “A disponibilização, de forma ‘objetiva’, de informações sobre ‘atualidades’ é suficiente para caracterizar a ‘prática jornalística’? É possível prescindir-se da figura do Editor nesse tipo de produção de informação?” (Palacios, 2003).

A participação do leitor na produção de conteúdos para *sites* jornalísticos ou em *blogs* com intenção de relatar fatos da atualidade é o ponto chave das mais recentes experiências da Internet e que vem tensionando mesmo os modelos de jornalismo vigentes na Internet. Deuze (2003) identifica quatro tipos de jornalismo *online*: 1) principais *sites* noticiosos, das grandes corporações, que produzem o denominado “jornalismo de referência”; 2) *sites* de indexação e categoria, que auxiliam no estabelecimento de *links* com outros conteúdos; 3) *sites* de comentários e meta-*sites*, destinados a atuar na avaliação e acompanhamento da produção jornalística, podendo produzir crítica de mídia; e 4) *sites* de partilha e discussão, em que os *sites* jornalísticos facilitariam plataformas para troca de idéias e relatos. Os *blogs* jornalísticos formariam, para Deuze, um tipo de “jornalismo individual” que se localizaria na fronteira entre os *sites* de indexação e os de comentário.

Os tipos de *sites* que Deuze descreve trazem características que vêm sendo reunidas em estudos sobre a Internet para indicar que a rede entrou, gradativamente, em uma nova fase, agora também devendo ser considerada como uma plataforma. O’Reilly (2005) utiliza o termo *Web 2.0* para indicar uma transformação tecnológica, operacional



e de uso social da Internet: a inserção de uma nova lógica de “arquitetura de participação” e de uma “ética de cooperação” por meio dos quais o serviço atua, primariamente, como um intermediário inteligente, conectando as margens entre si e combinando o poder dos próprios usuários.

O termo plataforma, nesta perspectiva, encaixa-se à intenção de perceber que estes processos participativos não são apenas voluntários, mas são modos de incorporar valor ao próprio sistema. Os usuários adicionam valor: os dados fornecidos pelo usuário ao participar da rede formada por um aplicativo são, por si, um ganho ao aplicativo, um valor adicional gerado por usuários interagindo com outros ou fornecendo conteúdos e mesmo conhecimentos para melhorar o sistema. “Os efeitos de rede obtidos a partir das contribuições dos usuários são a chave para o domínio do mercado na era da Web 2.0” (O’Reilly, 2005). Ou seja, a incorporação de usuários gera uma melhoria automática no sistema. Dois grandes modelos desta nova plataforma *web*: os *sites* de compartilhamento de conteúdo e os *blogs*.

2) A temporalidade das novas formas de jornalismo *online*

Interessa-nos assinalar quais transformações na experiência de produção do tempo presente estas novas características da Internet estão a emergir ou potencializar para o campo do jornalismo. Em outros trabalhos (Franciscato, 2004; 2005), estudamos os fenômenos temporais do jornalismo utilizando cinco categorias de análise: instantaneidade, simultaneidade, novidade, periodicidade e revelação pública. Para as intenções deste *paper*, vamos nos deter nesta última. Entendemos que a categoria de revelação pública pode ser uma ferramenta conceitual útil para compreender a experiência do jornalismo ao ingressar na chamada era *Web 2.0*.

Inicialmente, é necessário situar que a categoria de revelação pública foi proposta, em sua formulação original, a partir de uma perspectiva histórica do jornalismo com o objetivo de mostrar que este não é apenas um registro do tempo presente, mas um modo de construir esta temporalidade em sua inerente discursividade. O discurso jornalístico não apenas traz um sentido de conter o tempo presente inscrito nas intenções de sua produção e nas marcas do seu produto, mas ele intervém na construção do tempo ao ser enunciado em regras discursivas partilhadas entre os interlocutores (a instituição jornalística e seus públicos). A enunciação é um momento privilegiado de estabelecimento de uma interação no tempo presente. O tempo da

enunciação é, para o jornalismo, um 'marco zero' no tempo de circulação pública de uma notícia, a partir da qual ela se torna um 'documento público' (Park, 1955).

Utilizamos a expressão 'revelação pública' para caracterizar que o jornalismo executa um procedimento de trazer a público um conteúdo novo ao seu leitor, dar-lhe a conhecer algo que estava fora do âmbito público. A categoria da revelação pública pretende, então, descrever este duplo movimento articulado: o ato de revelar algo por meio da apuração jornalística e sua publicização visando exatamente sua propagação pública.

Alguns registros históricos tornaram possível destacar o aspecto temporal de interações discursivas que, se não foram diretamente construídas na e pela instituição jornalística, tiveram, nos conteúdos jornalísticos, um recurso para impulsionar e dar sentido específico a elas. As discussões nas casas de café da Europa dos séculos XVIII e XIX, principalmente, tinham o conteúdo jornalístico como um objeto e um estimulador dos debates: a leitura em voz alta das notícias, a audição atenta e os diferentes tipos de discussão reforçavam no jornalismo o seu vínculo com o tempo presente dos grupos no processo de constituição de suas identidade de interesses, concepções e valores, bem como podiam lhes orientar na definição de ações decorrentes (Raymond, 1999; Hunter, 1988; Habermas, 1984).

Ao darmos ênfase agora aos recursos expressivos usados pelas novas mídias digitais em rede, estamos tangenciando questões abordadas historicamente. Algumas semelhanças se mantêm: há uma preservação do dispositivo de enunciação como ponto inicial do tempo de circulação pública de uma notícia ou comentário. Nos jornais impressos de séculos passados, a revelação pública de uma notícia era um procedimento de informar e, ao mesmo tempo, de colocar em apreciação o conteúdo tornado público. Estes aspectos permanecem atuais, assim como o da publicidade e da racionalidade discursiva: o discurso como modo de alcançar visibilidade e exposição pública; e o discurso como modo de problematização de uma questão, de estímulo a uma investigação de suas bases por meio de uma disputa argumentativa.

A compreensão que Roshco nos apresenta sobre a temporalidade jornalística reforça esta perspectiva de revelação pública. Para ele, a temporalidade jornalística é "...inerente ao conceito de notícia" (1975: 10). Um dos aspectos deste fator temporal é o sentido de 'revelação recente' (*recent disclosure*). Aqui, Roshco identifica na notícia seu intrínseco caráter discursivo que ganha existência quando se torna público:

As notícias se baseiam no seu anúncio público (...) Trazer à luz informações que tinham sido perdidas ou omitidas confere recenticidade a elas. Eventos que pertencem à história viram notícias se eles se tornaram conhecidos somente agora por pesquisadores contemporâneos (Roshco, 1975: 11).

O jornalismo depende deste ato discursivo de 'tornar público' temas e conteúdos como um fator para demarcar uma temporalidade. Neste caso, a temporalidade presente está no tempo da enunciação e da circulação pública deste discurso, o tempo presente de uma prática discursiva que está vinculada a um processo de produção cotidiana da sociedade nos seus aspectos e suas ações mais cotidianas ou na esfera das instituições sociais.

Apesar de estas transformações na Internet com a “arquitetura da participação” serem recentes, entendemos que elas reforçam alguns aspectos que podem indicar uma mudança expressiva no jornalismo, particularmente em sua característica temporal:

1º) A presença do usuário na construção do evento jornalístico

A perspectiva central das modificações da Internet é aumentar a interatividade do leitor com o meio. Neste contexto, seguimos Deuze (2003, 213-4) ao perceber que o termo interatividade tem dois sentidos na literatura: de uma comunicação participativa e um controle sobre o conteúdo entre usuários; e de um indicador de um mais ou menos elaborado mecanismo de *feedback* de duas ou múltiplas vias de comunicação. O autor identifica três tipos de interatividade: a) de navegação: ao usuário é permitido navegar de forma mais ou menos estruturada através do conteúdo dos *sites*; b) funcional: o usuário pode participar, em algum grau, no processo de produção do *site* ao interagir com outros usuários ou produtores por *email*, *chats*, listas de discussão etc; c) adaptativa: cada ação do usuário tem conseqüências para o conteúdo do *site*, assim como a programação do *site* adapta-se ao comportamento de navegação de cada usuário individual e ‘lembra’ a ele suas preferências.

No jornalismo *online*, Deuze percebe a interatividade como uma característica da Internet que facilita associação, habilitando as pessoas não somente a receber informação, mas também a disseminá-la. Em contrapartida, a maioria dos *sites* não desenvolve interatividade além dos níveis funcional e de navegação. Como o texto de Deuze é de 2003, os últimos anos estão possibilitando novas experiências no jornalismo *online* com a intenção de ampliar a participação do público. Quadros (2005) destaca a modalidade de *open source journalism*, em que um software de fonte aberta habilita o



usuário a escrever notícias, acrescentar, alterar ou corrigir informações. Exemplo mais conhecido desta iniciativa é o *site Ohmynews* (<http://english.ohmynews.com/>), da Coreia do Sul, fundado em 2000 e possuindo hoje em torno de 1.900 colaboradores de relatos e opiniões sobre fatos em uma rede social de alcance mundial. Stephen Quinn (2005, 184-5) acredita que estes “jornalistas cidadãos” atuando em um *site* como o *Ohmynews* podem ser “um prelúdio para novos estilos de jornalismo e de apuração jornalística”.

Os *blogs* são uma outra forma de experimentar esta “escrita coletiva” (Primo e Recuero, 2003). Além de terem surgido com uma característica dominante de um “diário pessoal”, dando ao indivíduo acesso simplificado à produção de conteúdos, os *blogs* se popularizaram por terem ferramentas de fácil uso, tanto para inserir blocos de textos quanto comentários, permitindo uma atualização contínua sem que o usuário necessite ter domínio ou controle sobre o sistema de publicação. O *blog* possibilita também ferramentas de *link* a outros *blogs*, criando uma dimensão de “blogosfera”, uma rede voluntária de usuários que possibilita a referência recíproca, em que esse mecanismo amplia a repercussão dos conteúdos em uma comunidade ampla e dispersa.

O desafio é pensar a relação entre *blogs* e jornalismo. Inicialmente, é conveniente perceber as diferenças, conforme Paul Bradshaw (2007):

A televisão é uma forma de jornalismo? As palavras em uma página são uma forma de jornalismo? Os sons são uma forma de jornalismo? Blogs são uma plataforma. Eles podem conter jornalismo, assim como TV, rádio e publicações impressas podem. Muitos ‘bloggers’ praticam jornalismo, muitos não. Perguntar se o blog é uma forma de jornalismo é confundir forma e conteúdo.

Para o pesquisador, o fator que definirá a natureza jornalística de um conteúdo (se num meio tradicional ou num *blog*) é o modo como eles seguem os princípios e a ética do jornalismo, o que irá gerar credibilidade jornalística ao conteúdo. Gill (2004) percebe um tipo específico de relações entre *blogs* e organizações jornalísticas: os jornalistas tendem a monitorar a blogosfera para encontrar ali “matéria-prima” (informações não confirmadas, comentários etc) que pode servir como fonte para a apuração jornalística. Jornalistas podem usar *blogs* como um meio complementar de divulgação de conteúdos jornalísticos, vinculados ao não às grandes organizações noticiosas. Exemplo disto é o papel desempenhado pelos *blogs* no jornalismo político brasileiro, tornando-se um espaço para informação e debate, sendo objeto de citação na



mídia, gerando referências cruzadas aos outros meios e, “em alguma medida, influenciando mesmo o desenrolar dos acontecimentos” (Aldé *et alli*, 2006).

Outra experiência de participação do usuário na construção de conteúdos de caráter jornalístico é o desenvolvimento, nos *sites* de grandes organizações jornalísticas, de canais (à semelhança de “sub-editorias”) em que os usuários de Internet, após um cadastro simples, qualificam-se para encaminhar, voluntariamente, materiais digitais diversos (texto, foto, vídeo, gravações em som etc). Em alguns *sites*, como o do jornal *O Globo Online* (<http://oglobo.globo.com/participe/>), há regras de participação no canal “*Eu-Repórter*”, como publicar apenas conteúdos que tenham características de informação jornalística. A avaliação e a decisão pela publicação competem à equipe de editores do jornal. O *site* da *CNN* (<http://edition.cnn.com/exchange/>) possui também uma sessão para contribuições de nome semelhante (“*I-Reports*”) e estabelece regras legais e operacionais sobre o material, como o direito a editar ou alterar o conteúdo enviado, ou mesmo a não publicá-lo.

2º) A temporalidade da experiência cotidiana do usuário

Considerar esta nova forma de jornalismo participativo implica em pensar a relação entre jornalismo e cotidiano. As rotinas da vida cotidiana estão repletas de marcadores do tempo presente. O termo cotidiano pode ser considerado como se referindo a um ambiente espaço-temporal no qual as experiências que vivenciamos são próximas a nós tanto no espaço das nossas relações comuns (nossa casa, nosso trabalho, a rua pela qual costumemente nos deslocamos etc) quanto no tempo em que fazemos as ações. No aspecto temporal, temos uma marcação dada pela proximidade com que a ação acontece (quanto mais próximo no tempo, mais parece compor a nossa vida diária). Como a própria vivência no mundo da vida cotidiana implica um referencial de lugar e tempo marcado pelo “aqui e agora” (Berger e Luckmann, 1978: 39), a experiência social do cotidiano conduz o indivíduo a ter, inevitavelmente, um sentido de presente das coisas.

O termo cotidiano liga-se a um sentido de presença continuada, de frequência e de repetição, gerando uma familiaridade do indivíduo com agentes, temas, situações e objetos que se repetem ou se sucedem continuamente num período temporal. As repetições de atos e situações (ou as pequenas alterações enquadradas numa situação rotineira, cotidiana) são elementos que possuem um componente temporal, gerando um sentimento de continuidade.

A questão é saber em que grau estes tipos de laços de familiaridade alcançam as novas formas de jornalismo na Internet. Brambilla (2005, 92) lembra que, no jornalismo *open source*, o sujeito que lê é o mesmo que escreve as notícias, compartilhando responsabilidades e tendo no envolvimento pessoal sua principal moeda de troca. Envolvimento que surge, entre outras coisas, porque a notícia em canais como o “*Eu-Reporter*”, de *O Globo Online*, têm uma forte presença de questões urbanas, neste caso um cotidiano repleto de fatos e situações inesperados, conflitos, lances de alegria e tristeza das pessoas que vivem a cidade etc. Conteúdos que dão identidade ao leitor por representarem o seu cotidiano.

Este modelo de jornalismo participativo permite à grande mídia incorporar uma parte do universo de questões que geram familiaridade ao leitor, as quais estão ficando descobertas pela estruturas jornalísticas cada vez mais reduzidas das Redações das empresas. Ao leitor, a produção de um conteúdo para ser mostrado publicamente em um *site* da grande mídia gera um sentimento de apresentação pública de seu ambiente de vida, de uma valorização pessoal de sua habilidade ou oportunidade em produzir um “registro do instantâneo”. Para a empresa, a premissa é abrir um espaço não só para interagir com o leitor, mas tornar o *site* mais próximo da vida cotidiana dele, uma expressão midiática (porque incorpora estilo e formatação jornalística) dos relatos e registros capturados pelo leitor nos relevos e acidentes da cidade.

3º) A temporalidade das práticas enunciativas

Parece-nos oportuno, neste momento, retomar as observações de Lorenzo Gomis, no início deste artigo, de pensar o aspecto temporal do jornalismo por meio da experiência dos leitores. Sua tese central é que a atualidade de um produto jornalístico depende também dos procedimentos dos leitores ao repercutirem o conteúdo das notícias ou conversações. Ou seja, há um 'tempo dos leitores' (1991, 29) que se constrói na repercussão, na avaliação e no comentário dos leitores sobre um conteúdo noticioso veiculado. O tempo presente seria constituído por aqueles conteúdos jornalísticos (não só por eles, é oportuno lembrar) que permanecessem em discussão pública: “são mais notícia as notícias que mais duram, porque são as que dão consistência a nosso presente de referência, a nosso presente coletivo, comum, aos fatos que comentamos socialmente” (Gomis, 1991: 34).

A proposta de uma categoria descritiva de revelação pública pretende incorporar as reflexões de Gomis. A intenção é apreciar os processos interativos característicos do

jornalismo participativo, seja entre leitores de *blogs* com fins jornalísticos, seja na relação entre leitores e *sites* de referência. Nestas formas de jornalismo, o principal bem simbólico de troca que os leitores oferecem é a produção de um discurso (na forma de texto, fotografia, áudio ou vídeo) sobre o cotidiano em que vivem com pretensão de verdade do real. O discurso pode ser factual (ao enviar contribuições a setores informativos dos *sites*) ou opinativo (ao comentar matérias jornalísticas dos *sites*).

Se factual, o conteúdo deverá ter noticiabilidade para ser publicado. No *site* do “*I-Reports*”, a *CNN* convida seus leitores a participarem enviando contribuições quando, por exemplo, forem testemunhas de um evento noticioso e puderem registrá-lo ou descrevê-lo. No *Globo Online*, a página “*Eu-Repórter*” estabelece a seguinte regra de participação: “O *Eu-Repórter* só publica textos, fotos, vídeos e áudios noticiosos, nunca opinativos”. Enviar materiais sobre fatos de interesse jornalístico e ter este conteúdo publicado em *sites* da grande mídia gera no leitor um sentimento de valorização pessoal de sua habilidade ou oportunidade como “registro do instantâneo”, bem como de apresentação pública de seu ambiente de convivência cotidiana (por exemplo, a rua por que passa diariamente e, em certo dia, o registro um fato inusitado).

Os discursos enunciados pelos leitores auxiliam na construção do discurso jornalístico e, em conseqüência, na experiência que o jornalismo fecunda de vivência do tempo presente. Isto porque, conforme Adriano Rodrigues (2000), é na enunciação que se elabora o processo de mediação discursiva da experiência. “É o processo pelo qual a experiência humana do mundo acede ao domínio da representação, do simbólico. É o simbólico que constitui a maneira propriamente humana da experiência do mundo e é na linguagem que se processa a sua constituição”.

O discurso dos leitores constrói, sim, uma temporalidade. De um lado, seguindo Gomis, o “tempo dos leitores” surge das repercussões e dos comentários sobre conteúdos jornalísticos que publicam em formulários pré-fixados pelos gerenciadores do *site* estabelecendo as formas e as possibilidades de adicionar comentários a textos produzidos pela equipe de jornalismo do *site*. Gillmor (2005) considera que o jornalismo nos Estados Unidos está passando de uma fase de leitura de conteúdos para um modelo de jornalismo que incorpora a conversação em suas várias etapas: apuração, construção textual e repercussão.

De outro, nos *blogs*, a “blogosfera” marca tanto uma dimensão de laços de comunidade entre os participantes quanto uma construção coletiva de referências cruzadas. Há uma visível experiência temporal de enunciação pública nos *blogs*.

Ferramentas permitem que um “*blogueiro*” estabeleça um *link* com outro *blog* e seja notificado cada vez que houver atualizações na página. Conforme O’Reilly (2005), a assinatura possibilita um acesso fácil aos comentários individuais de uma página. Ao mesmo tempo, o usuário toma conhecimento quando um outro usuário cria *links* para sua página, podendo responder, criando *links* recíprocos ou adicionando comentários.

Este movimento de interação recíproca de conteúdos e comentários, quando aplicado ao jornalismo *online*, gera um processo conversacional. A notícia permanecerá sob atenção pública de uma comunidade particular de “*blogueiros*” na proporção em que gerar repercussões e motivar acréscimos.

Isto significa dizer que estas modalidades recentes de atividade jornalística na Internet (seja em *blogs* ou em *sites* de jornalismo participativo) ampliam as possibilidades de experiências temporais do jornalismo. Com a incorporação do leitor em alguns novos espaços jornalísticos, há um reforço na construção de uma temporalidade do presente marcada pelas práticas enunciativas também do usuário.

Talvez um dos caminhos para as teorias do jornalismo seja trilhar o argumento de Lorenzo Gomis e considerar que a temporalidade jornalística é fruto – hoje ainda mais do que na década passada – das interações dos leitores. “A meu juízo, o presente das notícias não se define tanto por sua emissão como por seu comentário. As notícias influem nos seres humanos enquanto estes as comentam” (Gomis, 1991, p. 33).

Comentar é um ato enunciativo, um ato afirmativo de uma tendência a participar de debates públicos. E uma das novas faces da Internet é a abertura de novos canais de participação, não só pela troca de produtos e serviços, mas de opiniões e posicionamentos. Em resultado, proliferam-se comunidades de trocas, cresce a participação do usuário/leitor/consumidor na construção dos conteúdos. É neste horizonte impreciso, de potencial revigoramento das dimensões discursivas, que pode se localizar uma nova dimensão da atualidade no jornalismo.

3) Considerações finais

O jornalismo vive um permanente risco de que o sentido de tempo que traz no seu discurso se descole do tempo do mundo. Esta é uma preocupação que segue o jornalismo desde seus primórdios no século XVII e se acentuou com a velocidade e aceleração dos ritmos de vida principalmente nos séculos XIX e XX. O jornalismo é um relato de algo que pertence ao presente, a um tempo presente definido por relações habituais e simbólicas. Não há, nem nos modelos mais contemporâneos do jornalismo,



como o jornalismo participativo e as experiências da *Web 2.0*, uma indicação de rompimento com este tempo do mundo.

Mesmo a vivência de múltiplas temporalidades por parte do navegador de Internet não rompe a percepção da primazia do tempo presente, pois este é o tempo de referência para a ação humana ocorrer. O tempo do jornalismo está vinculado ao tempo de eventos, temas e situações que estejam em ato, em constituição, em movimento, e interfere nesta construção temporal.

A participação do jornalismo na construção da temporalidade pública do presente é variada conforme o tipo de evento noticioso, sua forma expressiva, seus modos de circulação e recepção e o contexto social em que notícias e ações irão interagir. Mas procuramos acentuar neste *paper* que o jornalismo produz um sentido temporal em sua circulação social ao contribuir para que discussões, formulações ou execuções de ações sociais ocorram de uma forma específica no tempo presente. O conteúdo jornalístico e suas formas expressivas fornecem um conjunto de informações que subsidiam a construção de ações sociais, seja na formação de agendas, estímulo a debates ou formulação e condução de decisões públicas.

Mesmo que tenhamos conduzido nosso argumento para uma expansão do papel do usuário/leitor/navegador da Internet na construção do conteúdo jornalístico ou do sentido que este conteúdo alcançará na sociedade, não estamos concordando com Lévy (1999, 188) quando este autor especula sobre a perda de função social do jornalista neste ambiente vasto de produtores de conteúdos.

Estes modelos de jornalismo geram, de fato, uma aparência de que os leitores alcançariam um contato direto com os eventos cotidianos relatados por outros escritores do cotidiano, ou mesmo contato com outros grupos de opinião da sociedade, como se estivéssemos superando a mediação dos jornalistas sobre o conteúdo jornalístico. Não há, no entanto, sinais mais nítidos de que estas experiências irão prescindir da presença do jornalista nas suas funções de mediação, moderação (Aldé *et alli*, 2006) e interpretação de conteúdos que caracterizam a sua atividade.

4) Referências

- ALDÉ, Alessandra; ESCOBAR, Juliana; CHAGAS, Viktor. **A febre dos Blogs de Política**. 15º Encontro Anual da COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Bauru (SP): UNESP, junho, 2006.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 4. ed. Petrópolis, Vozes, 1978.



- BRADSHAW, Paul. **Stop asking me “Is blogging journalism?”** Disponível em Internet: <http://onlinejournalismblog.wordpress.com/2007/04/30/stop-asking-me-is-blogging-journalism/>. 2007. Acesso em 01.05.07.
- BRAMBILLA, Ana M. A Reconfiguração do jornalismo através do modelo *open source*. **Cibercultura**. Nº 13. Porto Alegre: Famescos/PUCRS, 2005, p. 87-94.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede - A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura (vol. 1)**. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- DEUZE, Mark. The web and its journalism: considering the consequences of different types of newsmedia online. **New media & society**. Vol 5(2). London: Sage, 2003, p. 203-230.
- FIDALGO, Antônio. **Jornalismo Online segundo o modelo de Otto Groth**. Disponível em Internet: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-groth-jornalismo-online.pdf>. 2004. Acesso em 31.10.2005.
- FRANCISCATO, Carlos E. **O jornalismo e a reformulação da experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. 13º Encontro Anual da COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. São Paulo (SP): UMESP, junho, 2004.
- FRANCISCATO, Carlos E. **A Fabricação do Presente**. São Cristóvão (SE): Edit. UFS, 2005.
- GILL, Kathy. **How can we measure the influence of the blogosphere?** Disponível em Internet: http://faculty.washington.edu/kegill/pub/www2004_blogosphere_gill.pdf. 2004. Acesso em 11.02.2007.
- GILLMOR, Dan. Prólogo. In: BOWMAN, Shayne; WILLIS, Chris. **Nosotros, el medio**. The Media Center, 2005. Disponível em Internet: <http://www.hypergene.net/wemedia/espanol.php>. Acesso em 17.01.07
- GOMIS, Lorenzo. **Teoría del periodismo - Cómo se forma el presente**. Barcelona: Paidós, 1991.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública: Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HUNTER, Paul. 'News, and new Things': Contemporaneity and the Early English Novel. **Critical Inquiry**. Vol 14, Spring 1988, p. 493-515.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- O'REILLY, Tim. **What Is Web 2.0 - Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software**. 30 Sept 2005. O'Reilly Publishing. Disponível na Internet: <http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html>. Acesso em 30.04.07.
- PALACIOS, Marcos. Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória. In: MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos (orgs.). **Modelos de Jornalismo Digital**. Salvador: Editora Calandra, 2003.
- PARK, Robert E. News as a Form of Knowledge. **Society– Collective Behavior, News and Opinion, Sociology and Modern Society**. Illinois: The Free Press, 1955, p. 71-88.
- PRIMO, Alex; RECUERO, Raquel. **Hipertexto Cooperativo: Uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia**. VII Seminário Internacional de Comunicação. Porto Alegre: PUC/RS, agosto, 2003.
- QUADROS, Cláudia I. A participação do público no webjornalismo. **e-compós**. Disponível em Internet: www.compos.com.br/e-compos. Dez, 2005.
- QUINN, Stephen. **Convergent Journalism – The Fundamentals of Multimedia Reporting**. New York: Peter Lang, 2005.
- RAYMOND, Joad. The Newspaper, Public Opinion, and the Public Sphere in the Seventeenth Century. In: RAYMOND, Joad (ed.) **News, Newspapers, and Society in Early Modern Britain**. London: Frank Cass, 1999, p. 109-140.
- RODRIGUES, Adriano D.. **Comunicação e experiência**. 9º Encontro Anual da COMPÓS. Porto Alegre (RS), Anais do Congresso, 2000.
- ROSHCO, Bernard. **Newsmaking**. Chicago: The University of Chicago press, 1975.
- SCHLESINGER, Philip. **Putting ‘reality’ together – BBC news**. London: Methuen, 1987.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo – Volume I**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 3. ed. Lisboa: Presença, 1994.